



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

MARÍLLIA ROSALINNA PEREIRA DE ARAÚJO

**O GÊNERO DISCURSIVO TIRINHAS DA MAFALDA EM LIVROS
DIDÁTICOS: EM QUESTÃO A ABORDAGEM DA LEITURA**

**CAMPINA GRANDE
2016**

MARÍLLIA ROSALINNA PEREIRA DE ARAÚJO

**O GÊNERO DISCURSIVO TIRINHAS DA MAFALDA EM LIVROS
DIDÁTICOS: EM QUESTÃO A ABORDAGEM DA LEITURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada no Curso de Licenciatura em Letras – Português, pela Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof. Dra. Maria de Lourdes da Silva Leandro.

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A658g Araújo, Maríllia Rosalinna Pereira de
O gênero discursivo tirinhas da Mafalda em livros didáticos
[manuscrito] : em questão a abordagem da leitura / Maríllia
Rosalinna Pereira de Araújo. - 2016.
32 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Maria de Lourdes da Silva Leandro,
Departamento de Letras e Artes".

1.Gênero Discursivo. 2.Modo de ler. 3.Tiras em quadrinho
da Mafalda. 4.Livro Didático. I. Título.

21. ed. CDD 808.7

MARÍLLIA ROSALINNA PEREIRA DE ARAÚJO

O GÊNERO DISCURSIVO TIRINHAS DA MAFALDA EM LIVROS DIDÁTICOS:
EM QUESTÃO A ABORDAGEM DA LEITURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada no Curso de Licenciatura em Letras – Português, pela Universidade Estadual da Paraíba.

Área de concentração: Gêneros discursivos e Teoria da Enunciação.

Orientadora: Prof. Dr. Maria de Lourdes da Silva Leandro.

Aprovado em: 18 de outubro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Maria de Lourdes da Silva Leandro Nota: 10.0
Prof. Dr. Maria de Lourdes da Silva Leandro – UEPB
Orientador

João Paulo dos Santos de Andrade Nota: 10.0
Prof. Ms. João Paulo dos Santos de Andrade - UEPB
Examinador

Simone Dália de Gusmão Aranha Nota: 10.0
Prof. Dr. Simone Dália de Gusmão Aranha - UEPB
Examinador

À Fé em Deus, pela força de me manter perseverante; à vida, por me possibilitar aprendizados e ao trabalho, por aperfeiçoá-los, dedico.

AGRADECIMENTOS

Ser grato é poder reconhecer as ajudas e as pessoas que nos possibilitaram caminhar. Começo, então, agradecendo a quem trilhou meu caminho e firmou meus passos mesmo quando as tempestades me faziam temer: a ti, Senhor, Deus da existência e dono de todas as permissões em minha vida, agradeço pelo amparo físico, mental e espiritual e pela oportunidade de aprender, sobretudo, quando errava.

À minha orientadora, Dra. Maria de Lourdes da Silva Leandro, agradeço por todos os ensinamentos repassados e por ter me acompanhado nesse momento decisivo em minha graduação. Tens minha eterna admiração.

Aos meus pais, Marílio Dinis de Araújo e Hélia Pereira. Em especial, agradeço à minha mãe. Faltam-me palavras para agradecer tudo que a senhora fez e continua fazendo por mim. És minha maior referência. Te amo infinitamente.

Ao meu noivo, Christyan Gonçalves Aníbal, agradeço por seu amor que é fonte de forças e alegrias, pelo seu auxílio em momentos difíceis, pela sua sabedoria que muito me ensina e por acreditar em mim, mesmo quando eu desacredito.

Aos meus irmãos, Zózimo Pereira Guedes da Silva e Iolanda Pereira Guedes da Silva, pelo apoio dado durante esses anos de graduação e por me incentivarem a buscar esse título.

À minha amada avó, Maria das Neves Oliveira, mulher humilde e guerreira, que é fonte de luz e amor na vida de todos os filhos e netos.

Aos meus sobrinhos, Anthoni Sousa Guedes e Bernardo Sousa Guedes, pela alegria de tê-los comigo.

Aos professores João Paulo dos Santos de Andrade e Simone Dália de Gusmão Aranha por terem compartilhado seus conhecimentos nas disciplinas e por aceitarem compor a banca examinadora desse trabalho.

À Maria Aparecida de Alves Lima, Maria do Carmo Gomes, Poliana Rocha, Débora Fialho Vitorino e Andreyra Renally do Nascimento, pela amizade dedicada e pela partilha de conhecimentos. Que Deus abençoe a caminhada de cada uma.

A todos, meu muito obrigada!

“Ainda bem que eu acordei. Se há uma coisa que me deixa com raiva é gastar o inconsciente sonhando besteira.”

Mafalda

O GÊNERO DISCURSIVO TIRINHAS DA MAFALDA EM LIVROS DIDÁTICOS: EM QUESTÃO A ABORDAGEM DA LEITURA

Marília Rosalinda Pereira de Araújo¹

Maria de Lourdes da Silva Leandro²

RESUMO

Este trabalho traz como objeto de análise a proposta de leitura de tirinhas selecionadas em Livros Didáticos (LD) de Língua Portuguesa e destaca os modos de utilização desse gênero discursivo, enquanto texto para leituras de alunos do ensino fundamental matriculados na modalidade EJA e no Ensino Médio da modalidade regular. Para isso, tem como questão-problema: De que modo as Tiras em Quadrinho da Mafalda caracterizam-se como referência para a prática de leitura, considerando o lugar do “eu” e do “outro” e o(s) sentido(s) situados e sócio-ideologicamente marcados, na construção da leitura para a formação do aluno leitor na escola? Orientados por essa questão, analisa-se, primeiramente, a abordagem do livro didático e, como consequência, sugerem-se outros modos de ler, fundamentados na teoria da Enunciação de Bakhtin. Resultados da análise apontam a predominância de uma abordagem de leitura nos LDs ainda pautadas na centralização do estudo do texto e/ou gramatical, o que motivou a sugestão de uma ressignificação desses modos de ler, tendo em vista a formação do aluno leitor.

Palavras-chave: Gênero Discursivo. Modos de Ler. Tiras em Quadrinho da Mafalda em Livros Didáticos.

1 INTRODUÇÃO

O livro didático é um dos recursos mais utilizados pelos professores no exercício de suas funções docentes. É ele que, na maioria dos casos, auxilia o desenvolvimento prático (e imediatista) de um conteúdo que possivelmente exigiria muito tempo de preparo por parte do profissional, na elaboração de atividades ou no próprio estudo pessoal.

¹ Graduanda do curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: rosalina_marilia@hotmail.com

² Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/LETRAS, CAMPUS I), Professora Doutora em Linguística, orientadora do referido artigo. E-mail: lourdes.leandro@oul.com.br

O livro didático tem a incumbência de ser “uma versão didatizada do conhecimento para fins escolares e/ou com o propósito de formação de valores”, segundo Lopes (2008, p. 208). Dessa maneira, ele serve, ou pelo menos deve servir, para aprimorar o ensino e, principalmente, possibilitar (não isoladamente) o fecundo processo de aprendizagem, na condução de perspectivas tanto educativas quanto sociais. Nesse contexto, o que nos interessa não é, apenas, reconhecer o livro enquanto ferramenta indispensável à sala de aula, mas analisar aspectos de sua formação didática responsáveis pela assimilação de valores indispensáveis ao ensino de língua.

O ensino da disciplina de Língua Portuguesa lida com razões tão complexas quanto necessárias. É ele que, culturalmente, deve inserir o aluno no convívio com o livro, com a leitura e com o “ser leitor”. Com a inserção dos gêneros textuais e/ou discursivos na seleção de textos que os livros didáticos apresentam, há a presença das Tiras em Quadrinho bastante exploradas para abordagens de conteúdos de Língua Portuguesa. Inseridos nesse contexto e destacando a presença de tirinhas nos livros didáticos distribuídos nas escolas, propomos a seguinte questão-problema: De que modo as Tiras em Quadrinho da Mafalda caracterizam-se como referência para a prática da leitura, considerando o lugar do *eu* e do *outro* e os sentido(s) situado(s) sócio-ideologicamente marcados, na construção da leitura para a formação do aluno leitor na escola? Procurando responder a essa questão, nossa análise se orienta pelos seguintes objetivos:

GERAIS:

- A. Contribuir para a discussão sobre o desenvolvimento de práticas de leitura que favoreçam a formação do aluno na qualidade de leitor na escola e na sociedade.

ESPECÍFICOS:

- A. Analisar a abordagem do gênero discursivo – tirinhas -, enquanto recurso didático no processo de leitura no Livro Didático.
- B. Sugerir novos modos de ler o gênero em questão, aplicando a teoria da Enunciação Bakhtiniana.

Para tanto, tomamos como referência três Tiras retiradas das coleções “*Língua Portuguesa – Ensino Fundamental*” (2010) de Maria das Graças Vieira e Regina

Figueiredo para a 5ª série EJA e “*Língua Portuguesa: Linguagem e interação*” (2010), volume 1, para o Ensino Médio, de Faraco, Moura e Maruxo Júnior. Nesses volumes, as tirinhas se encontram nas unidades referentes à Leitura, aos Substantivos e ao ensino do gênero Artigo de Opinião, respectivamente. Ao selecioná-las, trazemos a abordagem do livro didático, onde estão sendo trabalhadas.

Inicialmente, desenvolvemos uma pesquisa em aproximadamente 18 livros didáticos de Língua Portuguesa, encontrados em bibliotecas públicas da rede de ensino municipal e estadual da cidade de Cubati – PB, dentre os quais selecionamos os dois volumes acima citados, por representarem duas etapas específicas da escolaridade do aluno, no seu desenvolvimento na prática de leitura na escola: modalidade EJA (5ª série) que representa o início de uma segunda etapa da formação de alunos, cujo percurso escolar e regular não pode ser atendido e Ensino Médio que se caracteriza por ser a etapa máxima da formação do aluno, na sua história escolar da sua formação de base.

A metodologia utilizada na pesquisa e elaboração teórico-metodológica da análise insere-se no campo da pesquisa acadêmica, uma vez que investiga e analisa objetos de estudo da Língua Portuguesa – textos e sua abordagem – que circulam em livros didáticos da referida disciplina. Sua essência é de origem exploratória, considerada por Gil (2006) como a pesquisa cujo “objetivo principal é desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos”, proporcionando maior familiaridade com o tema estudado e visando “à descoberta, o achado, a elucidação de fenômenos ou a explicação daqueles que não eram aceitos apesar de evidentes” (OLIVEIRA NETTO, 2006, p. 9).

Esse trabalho fundamenta-se teoricamente nas concepções sobre linguagem, enunciado, enunciação, sujeito e ideologia e gênero discursivo de Mikhail Bakhtin, entre outros, contribuindo para uma abordagem de natureza qualitativa da análise em questão, contrapondo-se ao esquema de pesquisa quantitativa feita em torno de noções variáveis ocasionalmente definidas, pois como afirma André (1995), o que nos interessa é “o estudo do fenômeno em seu acontecer natural”.

Para fins de análise, também realizaremos um breve estudo sobre a história do livro didático no Brasil (MEC, 2004) e sobre o processo de criação e consolidação da personagem Mafalda no cenário argentino e mundial, baseado em Louzán (2009). Abordagem que procura situar histórico-social e culturalmente o gênero discursivo

selecionado – Tiras em Quadrinho da Mafalda. Concluímos o trabalho com a seleção de três tiras da personagem, encontradas nos livros didáticos, acima citados, da disciplina de Língua Portuguesa. Seleção sobre a qual, construímos a análise e as considerações finais.

A construção e publicação desse artigo deve-se à importância do estudo reflexivo em torno do livro didático que circula nas escolas, como sendo este a referência quase que exclusiva para a prática da leitura de alunos de muitas realidades sociais, de baixo poder aquisitivo. Em virtude disso, destacamos essa reflexão quanto à necessidade de buscar compreender como tirinhas, recursos naturalmente prazerosos, estão sendo utilizados nos livros de Língua Portuguesa e como podem contribuir no processo de emancipação do aluno, sujeito leitor.

2 LINGUAGEM, ENUNCIADO, ENUNCIÇÃO, SUJEITO e IDEOLOGIA

“A língua e a palavra são quase tudo na vida humana”.
(BAKHTIN, 2003. p. 324)

Produzir, segundo a maioria dos dicionários de Língua Portuguesa a que recorreremos com frequência, significa “originar algo, ser fértil; gerar, dar, fornecer”. É pertinente pensar esse conceito quando estudamos diversas situações de interação e comunicação humana, por acreditar que é pela e através da ação comunicativa que se produz o sujeito, enquanto ser social que interage com o(s) outro(s) em sociedade e pode ser conhecido por meio de textos escritos ou orais, conforme afirma Bakhtin (2003).

Em função disso, esse tópico trata das concepções sobre linguagem, enunciado, enunciação, sujeito e ideologia de fundamento bakhtiniano. Apesar de abordá-las de modo breve, procuramos situar teoricamente as reflexões que delas nos apropriamos para a análise do nosso objeto de estudo.

A comunicação determina, nos aspectos que a ela cabem determinar, parte da história evolutiva do homem; ela é o componente mais decisivo no processo de racionalização da espécie e socialização de ideias, inferências e conclusões. Desde os tempos pré-históricos, os conhecidos homens da caverna, sentiam a necessidade de expor

seus pensamentos e o faziam de maneira, ainda, abstrata, através de inscrições em pedras, desenhos e símbolos. De acordo com Duarte:

A atividade vital humana, sendo originariamente coletiva, exige, portanto, a atividade comunicativa. A atividade de comunicação foi, ao longo da história primitiva, se objetivando em processos que geraram a linguagem. Sem apropriar-se da linguagem, dos objetos e dos usos e dos costumes ninguém pode existir enquanto ser humano (DUARTE, 1993, p. 137-138).

Pensar na comunicação como recurso utilizado no processo de evolução humana é compreender que, assim como afirma Bakhtin (2003), é a interação por meio da linguagem que dá sentido a existência do indivíduo e que o permite configurar-se na qualidade de sujeito social, discursivo e ideológico, desconsiderando o fator biológico como condição determinante no desenvolvimento da linguagem e acreditando, unicamente, na determinação das situações de interferências sócio-históricas.

Bakhtin declara que a linguagem existe e sobrevive por e pela comunicação social concreta, estando, obrigatoriamente, integrada à vida humana e sendo compreendida como um fato social que se realiza por meio das necessidades de comunicação (BAKHTIN, 2003, p. 124), isto é, da necessidade do homem em expressar-se e exteriorizar-se.

Ainda do ponto de vista bakhtiniano, a linguagem se constitui em campos enunciativo-discursivos, por meio de enunciados e textos (BAKHTIN, 1995) e pode ser compreendida como toda manifestação, cuja base recebe a ação e interferência humana. Para ele, o enunciado é a unidade da comunicação discursiva e se constitui na realização de novos acontecimentos, tornando-se irrepetível em outras situações discursivas.

Um enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes, conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (BAKHTIN, 1995, p. 316).

Nesse sentido, sempre estamos diante do jogo linguístico da interação *um* e o *outro* da comunicação verbal. Em uma ponta está o *eu* que se dirige ao *outro*. Sobre esse circuito

da palavra, Bakhtin interroga: “A quem se dirige o enunciado? Como o locutor (ou o escritor) percebe e imagina seu destinatário? Qual a força da influência deste sobre o enunciado?”, buscando problematizar e responder questões importantes em torno do processo de comunicação e interação verbal (*idem, ibidem*, p. 320). Esses fatores, entre outros, é que determinam a construção, o estilo do enunciado e a composição da enunciação. É, pois, através da enunciação e do discurso que os indivíduos conseguem agir socialmente, tornando-se capazes de interagir uns com os outros em sociedade.

A enunciação é o momento em que o indivíduo promove a interação verbal a partir da linguagem e das relações de sentido dos discursos, respondendo a estímulos anteriores que são conduzidos por contextos e situações específicas. Fazendo referência a esses estímulos e respostas, responsáveis pela condução e produção de enunciados em momentos de enunciação, Bakhtin afirma que:

Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma “resposta” aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma completa, baseia-se neles, subtende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera de comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-las com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados, de outra esfera da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003, p. 297).

É nesse processo da comunicação discursiva, promovendo a relação e integração coletiva que se estabelecem os sujeitos, sob interferência dos elementos da esfera social que cerca determinado indivíduo. De acordo com Bakhtin (2003, p. 317), “nosso próprio pensamento nasce e forma-se em interação e luta com o pensamento alheio”, concebendo a noção de sujeito responsivo, dotado de intencionalidades e responsabilidades discursivas.

Para o teórico, a identidade desse sujeito se constitui na essencial relação entre o “eu” e o “outro”, considerando ser o social, o instrumento capaz de fertilizar e significar a linguagem. Dessa forma, é pela interação comunicativa, por meio da linguagem e o convívio no meio, que o indivíduo se estrutura sujeito, reproduzindo na fala e na sua práxis o contexto histórico e social em que está inserido.

Ele considera que todo sujeito é um sujeito ideológico e que todo discurso parte dessa relação. Para ele, não há como estudar o sujeito sem investigar os sentidos, a ideologia que há por trás dos seus discursos e o próprio discurso. Isso porque não se pode

desvincular tais razões; ambas se justificam e coexistem. E investigar o sujeito é buscar compreender como se constituiu o texto, considerando diversos fatores, sobretudo o ponto de vista ideológico que o motivou.

Em “*Marxismo e Filosofia da Linguagem*” (1995) há uma importante conclusão em torno dos estudos da linguagem:

Ideologia é o produto que faz parte de uma realidade (natural ou social) [...] que reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia (BAKHTIN, 1995, p. 31).

Seguindo essa concepção, para Bakhtin, a linguagem é constituída das ideologias dos grupos sociais que a usam em diferentes condições, determinando seu significado, e é entendida como um fenômeno ideológico por excelência; um lugar de batalha social capaz de registrar todas as fases transitoriais do processo social, inseparável da questão de poder.

Carlos Alberto Faraco, famoso linguista brasileiro, responsável por parte da introdução e consolidação dos estudos de Mikhail Bakhtin no Brasil, tentou compreender como a palavra – ideologia - tem sido definida nos estudos do círculo bakhtiniano:

A palavra ideologia é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do “espírito” humano. [...] Ideologia é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (FARACO, 2003, p. 46).

Vladimir Miotello (2008) também escreveu sobre a ideologia, sobretudo buscando entender a posição bakhtiniana sobre as concepções do termo. Ele destacou que na ideologia defendida pelos marxistas existem dois eixos centrais: o oficial e o cotidiano, e questionou qual seria a linha seguida por Bakhtin. Miotello concluiu que o círculo bakhtiniano pensa ideologia na relação entre os dois eixos, estabelecendo uma relação dialética entre as duas conceituações da palavra:

De um lado, a ideologia oficial, como estrutura ou conteúdo, relativamente estável; de outro, a ideologia do cotidiano, como acontecimento, relativamente instável; e ambas formando o contexto ideológico completo e único, em relação recíproca, sem perder de vista o processo global de produção e reprodução social. (MIOTELLO, 2008, p. 169).

Miotello, então, comenta que, segundo Bakhtin e seu círculo, não é possível tratar a ideologia como “falsa consciência” ou, apenas, como “expressão de uma ideia”, mas como “expressão de uma tomada de posição determinada”. Desse modo é que se pode pensar a ideologia, referindo-se às concepções particulares de cada ser, na condição de pessoa discursiva capaz de internalizar aspectos de sua formação humana, resultado de uma orientação social de determinado grupo estável da sociedade onde se constroem e reconstroem os sentidos do mundo e do sujeito.

3 O GÊNERO DISCURSIVO TIRINHAS

No contexto bakhtiniano da noção de linguagem como interação verbal, enunciado e enunciação, trazemos a sua contribuição sobre a concepção em torno do gênero discursivo, focalizando o gênero discursivo – tirinhas, seguidos do contexto histórico do LD no Brasil e do contexto histórico da personagem Mafalda.

A comunicação é a gênese da sobrevivência. É por meio dela que o indivíduo, na qualidade de instrumento social, compreende e deixa se compreender. A oralidade, os gestos, a fisionomia e a própria - e essencial - escrita são alguns dos meios capazes de concretizá-la. Para Bakhtin (2003), tais manifestações comunicativas são bastantes e diversas, por considerar que estão relacionadas às incontáveis esferas da atividade humana.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana (BAKHTIN, 2003, p. 290).

Essa alegação se dá pela constatação de que é necessário utilizar a língua e, conseqüentemente, se comunicar, nas infinitas situações de interação diária. Seja no trabalho, solicitando ou sendo solicitado; em casa, contando particularidades do seu dia; com os amigos, conversando; no ponto do ônibus, acenando para que o motorista pare; nas redes sociais etc.

No que diz respeito aos modos de utilização lembrados na citação acima, o autor ainda faz uma importante asserção ao afirmar que é por meio de enunciados que a

utilização da língua se efetua. Para ele, tais enunciações são estabelecidas quando reflexos de condições específicas são absorvidos e finalidades são objetivadas, a depender da esfera humana em desenvolvimento. São esses enunciados, devidamente pensados, que suscitam o gênero discursivo.

Os gêneros são “realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas”, de acordo com Marchuschi (2002, p. 23). Eles estão por toda parte. São construções linguísticas indispensáveis à socialização e ao dia a dia do falante que, em boa parte dos casos, utilizam esses gêneros inconscientemente, sem darem conta da sua utilização e da escolha comunicativa que fizera.

Da sua indispensável aplicação e das diversas ocupações desenvolvidas pelo homem ao longo da vida, justifica-se a incontável quantidade de gêneros. De acordo com Bakhtin (2003, p. 282), “quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática”, nos são dados os gêneros, de maneira natural, tão quanto necessária.

Na mesma velocidade em que a sociedade é transformada, transformam-se, também, os gêneros, pois, assim como a sociedade está para a colaboração mútua de seres agrupados, os gêneros estão para atenderem às necessidades desses seres sociais.

A tira de jornal ou tirinhas, como popularmente é conhecida, é um dos inúmeros gêneros discursivos. Desenvolvida nos Estados Unidos, seu formato e padrão atenderam às necessidades do jornal que não contava com muito espaço livre para publicá-la. Seu teor por vezes humorístico, vezes satírico e suas colocações político-sociais, impulsionaram a disseminação do gênero nos jornais, revistas, livros didáticos e com a contemporaneidade, nas redes sociais.

É comum possuírem um personagem principal como foco de suas publicações, a exemplo do que realizou Quino, em 1962, quando criou Mafalda, em meio, muito provavelmente, às efervescências do período Pós-Guerra Fria, segundo publicação de Ana Lúcia Santana (2014) para o *blog* Info Escola.

Mafalda é uma garota questionadora, crítica, politizada e criativa. É fã dos *Beatles*, banda de rock britânica. Odeia sopas (importante alusão ao sistema opressor da ditadura que obrigava as pessoas a “engolirem” tudo aquilo que lhes era imposto), guerras e armas. Seus discursos são marcados por fortes questionamentos ideológicos e mensagens de paz.

Por se tratarem de produções escritas, artísticas, complexas e com discursos idealistas fortemente ideológicos, as tirinhas, especialmente as de Mafalda, podem ser consideradas como um dos gêneros secundários do discurso, classificação proposta por Bakhtin ao afirmar que:

Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. (BAKHTIN, 2003, p. 281).

Os gêneros primários originam-se em circunstâncias da vida cotidiana e acontecem de forma natural, despreziosa, enquanto que os gêneros secundários emergem de comunicações culturais mais formais e relativamente mais evoluídas.

A complexidade do discurso em Mafalda e o teor de suas conversações é próprio da concepção bakhtiniana de que produzir linguagem é produzir discursos sociais. Dessa forma, a constituição dos gêneros discursivos está diretamente relacionada ao meio social e às condições de sua produção. Bakhtin acredita que:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 2003, p. 279)

Essa riqueza citada pelo estudioso se dá pela liberdade criativa do discurso, ao permitir que o falante esteja reinventando-o e adequando-o ao longo da história da linguagem e da comunicação. É quase uma relação de generosidade, ao passo em que a língua concede a sua existência, integralmente, às necessidades e circunstâncias da vida humana.

Faz-se necessário, nessa etapa de nossa abordagem, relacionarmos esse ponto de vista teórico sobre linguagem, enunciado, sujeito e ideologia, com o ensino da língua portuguesa, proposta no livro didático. Para isso, precisamos situar esse gênero didático a fim de conduzirmos nossa análise: a proposta de leitura considerando o sujeito na língua, situado nas relações sociais interativas.

4 HISTÓRIA SUCINTA DO LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL

Segundo “*O Guia do Livro Didático*” (2004), elaborado pelo MEC, com o surgimento do Instituto Nacional do Livro (INL), em 1929, surgem as primeiras ideias em torno de um projeto que se efetuará na criação e implementação de produções didáticas destinadas ao ensino em sala de aula, porém, somente em 1934, quando Gustavo Capanema assume o Ministério da Educação, no Governo Vargas, é que noções políticas, burocráticas e de pesquisa são deliberadas, concebendo ao INL suas primeiras atribuições.

Em 1938, o Decreto-Lei nº 1.006/38 institui a Comissão Nacional do Livro Didático, responsável por tratar de assuntos ligados à produção, ao controle e à circulação das obras que viessem a ser produzidas. Nesse período, o livro era visto como um forte recurso na educação política e ideológica e o Estado era responsável por examinar, verberar e arguir justificativas para tal enredo escrito.

Após anos é que se vê desenhar um novo cenário na década de 90, quando emergem as discussões em torno do Ensino Fundamental no país e, principalmente, sobre os Livros Didáticos destinados a essa modalidade escolar.

Embora criado em 1985 pelo governo federal, só em 1995 é o que o PNLD, Programa Nacional do Livro Didático, responsável por distribuir, gratuitamente, livros didáticos para os alunos da rede pública de ensino brasileira, começa a avaliar as obras distribuídas, amparado pelo Decreto n. 9154/85. .

Ao longo das décadas, o Ministério da Educação e Cultura (MEC, 2004) desenvolveu diversas comissões para a avaliação dos livros didáticos, buscando melhorar a qualidade do que era distribuído nas escolas e avaliando, previamente, o conteúdo pedagógico inserido nas obras.

Quase 80 anos depois, o material ofertado pelo governo federal tornou-se o material mais acessado pelo professor no trabalho em sala, tanto pela facilidade de tê-los sempre às mãos quanto pela diversidade de artifícios utilizados pelos autores na elaboração das explicações e atividades, ou seja, parte significativa da educação brasileira é feita a partir dos LDs.

É, justamente, por existir essa forte campanha do Livro Didático em sala de aula e por sabermos que ele, assim como em 1938, ainda é responsável por consideráveis contribuições no ensino que esse artigo se propõe a discuti-lo, voltando-se, especialmente, para a análise de abordagens dos gêneros discursivos, contemplando, unicamente, a tirinha vista como recurso de consolidação do processo de leitura.

5 MAFALDA E SEU CONTEXTO DE CRIAÇÃO

Figura 1: Mafalda



Fonte: Clube da Mafalda

O cartunista argentino Joaquim Salvador Lavado, o Quino, criou Mafalda em 1963 para um especial publicitário da *Mansfield*, empresa argentina de eletrodomésticos, que exigia uma campanha cuja personagem fosse semelhante aos seus próprios consumidores (LAVADO, 2003). O especial não foi ao ar e as tirinhas foram armazenadas para uma eventual publicação.

Em 1964, um ano após sua criação, as tirinhas foram publicadas na revista *Primera Plana*, conquistando o público e ganhando fama e visibilidade. A partir de 1965, Mafalda estampou as páginas do Jornal *El Mundo*, acompanhada, inicialmente, por seus pais, “Papá” e “Mamá” (LAVADO, 2003). Não suficiente, ao longo dos anos, a história foi ganhando novos personagens e o cartunista já usufruía de maiores possibilidades, podendo tratar de temas mais complexos e críticos, como política, capitalismo, subjetividade feminina e violência.

Quando Quino, em 1966, lançou o primeiro livro de coletânea das histórias de Mafalda, a personagem conseguiu atingir o sucesso imediato e passou a ser admirada por leitores de todas as idades e nações, tendo suas peripécias traduzidas para 26 idiomas em vários países.

Nesse contexto, o mundo e a Argentina, principalmente, sentiam os reflexos da pobreza extrema e dos duros golpes militares da opressora ditadura. Talvez por essa razão, as histórias de Mafalda alcançaram temas tão complexos e “adultos”, como política, capitalismo, o papel da mulher na sociedade, a pobreza mundial, as guerras e a paz.

O olhar criativo de Quino e a “voz sutil” da personagem traduziam com inteligência e sagacidade os acontecimentos da época em que viviam e por tudo isso, pela seriedade do trabalho, pela sua atemporalidade, pelos fascínios da arte e pela verdade que ela traduzia, a pequena questionadora se tornou ícone da cultura argentina e se imortalizou.

6 ANÁLISE DO CORPUS

Uma história não é mais que um grão de trigo. É ao ouvinte, ao leitor que compete fazê-lo germinar. Se não germina, é questão de falta de ar, de sol, de liberdade, de solidão.

Michel Déon.

Nesse tópico, apresentamos a análise do *corpus*, fundamentada nos conceitos teóricos apresentados sobre a enunciação que considera, segundo Bakhtin, o homem na língua, situado nas relações sociais interativas. Com base nos objetivos específicos, primeiramente, analisamos a abordagem proposta pelo LD para estudo das Tiras selecionadas. E, posteriormente, sugerimos alternativas de abordagem desses textos, considerando outros modos de ler que não se atenham apenas ao estudo do texto, mas desafiem o leitor aluno a construir sentidos, interpretar novas relações de ideias, desde que considere a relação *eu versus o outro*, situados no enunciado, ponte da relação interativa dos sujeitos e a situação comunicativa, constituinte dos textos, dos sentidos.

Iniciamos, analisando a Tira em Quadrinho a seguir (Fig. 2), retirada do livro “*Língua Portuguesa – Ensino Fundamental*”, das autoras Maria das Graças Vieira e Regina Figueiredo. A coleção se destina aos alunos da 5ª série EJA, modalidade escolar desenvolvida para alfabetização de adultos em distorção idade/série:

:

Figura 2: Tirinha de Mafalda

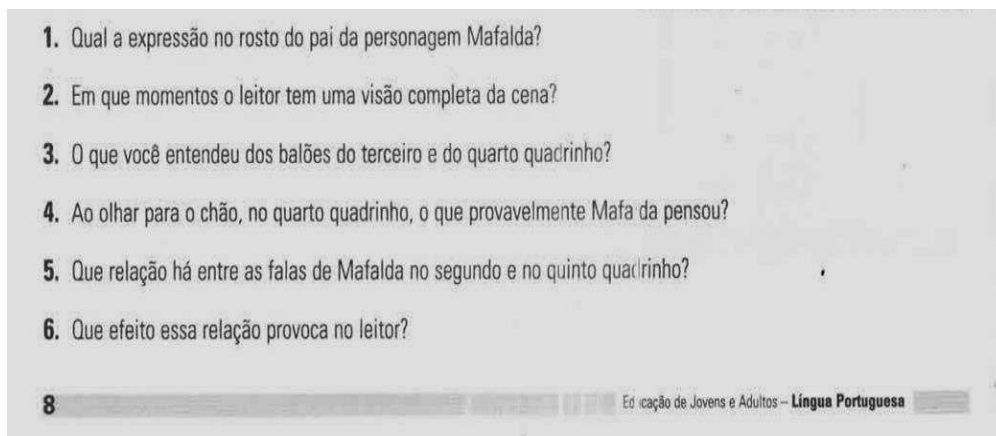


Fonte: Livro “*Língua Portuguesa – Ensino Fundamental*”.

O texto, bem como sua atividade, vem localizada no primeiro capítulo do livro, intitulado de “*Olhar e Ler*” e é seguido pelo conteúdo gramatical frase. Nele, a personagem Mafalda questiona seu pai sobre o que farão nas férias, mas logo percebe, mesmo sem receber uma resposta verbal explícita, que viajar não será possível, considerando o número de contas vistas sob os pés de seu pai.

A tirinha é um gênero discursivo, cuja leitura envolve o conjunto das linguagens verbais e não verbais. Para que se compreenda é necessário observar as ilustrações tão atentamente quanto se lê os enunciados, pois elas auxiliam o leitor a entender as circunstâncias do contexto, considerando não apenas o texto, mas o que o envolve também, como as imagens, a fisionomia dos personagens, os balões etc.

A atividade situada abaixo da tirinha (Fig. 3) é a contribuição dada pelas autoras no processo de interpretação e, principalmente, reflexão dos fatos. É ela que, caso o professor não se beneficie de outra didática e busque fazer outros questionamentos, conduzirá o estudo da tirinha.

Figura 3: Tirinha de Mafalda

Fonte: Livro “Língua Portuguesa – Ensino Fundamental”.

Ao observarmos o exercício, composto por curtas questões objetivas, é possível perceber que pouco ou quase nenhum enfoque foi dado às particularidades do gênero. Não houve um trabalho voltado ao estudo reflexivo da situação nem uma tentativa de buscar correlacionar o contexto da história com a realidade de vida dos alunos, estabelecendo um paralelo entre os sujeitos, na relação de autor e leitor.

Outra observação importante é feita na leitura do tópico introdutor do capítulo, já mencionado anteriormente: quando se trabalha com os gêneros, especialmente os gêneros discursivos, imagina-se que será priorizado o aperfeiçoamento de competências textuais e quando se trabalha com os gêneros inseridos em um capítulo intitulado por “*Olhar e Ler*” é que a situação alcança outra proporção, muito mais profunda, pois além de já existir a expectativa de sempre, existe também, um pre-anúncio do que será promovido, privilegiando o desenvolvimento de técnicas altamente estimuladoras da leitura, como o trabalho com os aspectos contextuais da Tira, como a reflexão em torno do problema mencionado, como o beneficiamento da leitura do gênero em si, de forma contemplativa e, principalmente, analítica.

Ler pode envolver uma reflexão sobre o jogo de palavras, relacionando o discurso de Mafalda no 2º e no 5º balão. Que significa o uso que a personagem faz da linguagem, nessa interação? Lembramos aqui o que Bakhtin diz sobre o sujeito na interação: é na interação verbal que o sujeito reformula seu dizer e se significa, mas isso acontece porque tem o outro na posição extrema da comunicação.

Na tirinha em estudo, Mafalda e seu pai não dialogam, embora estejam presentes na situação. Como seria a participação do leitor na compreensão dos sentidos nessa

interação? O gênero – tirinhas – favorece visualmente essa relação, contribuindo para essa interpretação? Por quê? Essas são algumas das alternativas que sugerimos como estímulos às respostas de análise que contempla competências textuais-enunciativas, envolvendo o leitor, sobre as quais comentamos no parágrafo acima, envolvendo a natureza do texto, na perspectiva bakhtiniana.

Além disso, uma maneira possível de fazer com que os alunos sintam-se interessados pela leitura é buscando encontrar textos interessantes de serem trabalhados e trabalhá-los situadamente, ou seja, tentando aproximar o que está escrito com a realidade social e ideológica dos alunos/ouvintes. Seria pertinente promover um debate, procurando responder a perguntas como: “Todos os pais, que diariamente trabalham, conseguem fazer uma viagem de férias com a família?”, “Quem são as pessoas que conseguem?”, “Qual a realidade social do nosso país?”, “Quais as condições de remuneração do trabalhador brasileiro?”, “Na sua realidade social, como são pensadas as férias?”, entre outras.

A discussão dessas questões são importantes na contextualização do tema proposto pela Tira e proporciona o encontro do texto com as teorias bakhtinianas voltadas à interatividade proposta pela noção de enunciação, no mesmo momento em que a enxergamos como produto de interações sociais, por meio das quais se alcança ao ouvinte leitor, na relação dialética do *eu* e o *outro*, como já tínhamos sinalizado.

Trabalhar todos esses questionamentos com alunos da 5ª série EJA é encontrar discursos e sujeitos muito particulares, considerando as experiências de vida de cada um e as noções de mundo que eles apresentam. Sobre isso existe uma afirmação bem significativa de Isabel Solé (1998):

O leitor constrói o significado do texto. [...] Isto não quer dizer que o texto em si mesmo não tenha sentido ou significado. [...] O significado que um escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos (SOLÉ, 1998, p. 22).

O leitor é capaz de desenvolver diferentes maneiras e estratégias para compreender o texto (nesse caso, a tira), o que nos faz crer que, quanto mais familiarizado ele estiver com o que está sendo posto, mais facilmente ele compreenderá o texto, sem que haja, apenas, uma decodificação óbvia. O desafio é fazer com que entendam a importância de permitir essa familiaridade, essa construção de sentidos e identificação de

discursos, pois é a partir da atribuição de sentidos ao mundo e a si próprio que se consegue fidelizar a leitura. Ou seja, ao se deparar com o texto, o leitor construirá maneiras particulares de compreendê-lo. Esse é o princípio do ensino e do conhecimento: permitir que se compreenda a partir do máximo que se possa ir.

Em um outro momento, no mesmo livro, tem-se outra tirinha de Mafalda em uma situação semelhante:

Figura 4: Tirinha de Mafalda.

Número dos substantivos

Leia a tirinha:

(Ou no. *Toda Mafalda*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.)

Nessa tira encontramos substantivos no singular (pai, armazém) e no plural (dias, armazéns). E há ainda um substantivo que só é empregado no plural: férias.

Outros substantivos que só se empregam no plural são, por exemplo, **costas** (parte posterior do tronco humano), **óculos**, **cócegas**. Convém não confundir esse caso com o dos substantivos que apresentam uma única forma tanto para o plural como para o singular, como **lápiz**, **tênis** e **ônibus**.

Normalmente o plural dos substantivos é marcado pelo uso da desinência nominal **-s** no final da palavra. Mas há diversos modos de se formar o plural, com diferentes desinências.

Fonte: Livro didático “Língua Portuguesa – Ensino Fundamental”.

Na situação enunciativa, constitutiva dessa tirinha (fig.4), a personagem Mafalda conversa com Manolito. Novamente, o assunto da conversa são as férias que eles tanto desejam. Dessa vez, é o garoto que tenta convencer seu pai a realizar uma viagem, mas a reação não é a esperada pela criança.

A Tira está localizada no capítulo referente ao estudo sobre a classe dos substantivos, servindo como material de exemplificação do conteúdo. Não há, sobre esse texto, nenhuma abordagem relativa ao gênero, para, em seguida, explorar o conteúdo gramatical.

A tirinha é tão humorada quanto crítica e poderia ser trabalhada para refletir temas interessantes, como: mesquinharia, a prioridade do trabalho em detrimento do descanso e das relações familiares etc. No entanto, embora seja uma imagem extremamente rica, o contexto em que está inserida não a favorece e ela acaba passando despercebida ou utilizada enquanto pretexto para o estudo de noções puramente gramaticais.

Ela poderia ter sido vista como uma rica oportunidade de trabalhar as noções que envolvem o diálogo, como as condições sociais dos interlocutores, os significados de cada enunciação, a diferença da conversa entre duas crianças em relação à conversa de uma criança com um adulto, estabelecendo, inclusive, um paralelo entre a primeira Tira colocada nesse *corpus*, que é presente no mesmo livro, com a tira analisada agora. Nessa direção, apontamos questões que podem ser discutidas, como: “Será que a razão que motivou o desmaio do pai foi a falta de dinheiro ou a vontade de ter sempre mais?”, “Como o excesso de trabalho pode influenciar na vida das pessoas?”, “Como Manolito se sentiu ao ser questionado pelo médico de um possível desgosto tido pelo seu pai?”, “O que a expressão no rosto do menino, no último quadrinho, demonstra?”, “Será que ele se sentiu culpado?”, etc.

A tirinha, assim, como os outros textos e enquanto texto que é, tem um papel predeterminado sobre aquilo que pretende alcançar: o bilhete informa; a carta reafirma laços e diminui distâncias; a notícia narra os fatos com imparcialidade; a reportagem narra com precisão, podendo ser parcial e a Tira em Quadrinho comporta um jogo de estratégias discursivas capaz de oferecer duplo sentido que, embora de forma humorada, consegue promover o debate de temáticas específicas, como as quais estamos sugerindo.

Para além dessas funções particulares aos gêneros discursivos, existe a primazia do trabalho com os gêneros voltados para o despertar da leitura no alunado, como estamos procurando destacar. Nesse sentido, trazemos, para finalizar nossa análise, outras questões de leitura que podem ser trabalhadas na tira em quadrinho (fig. 4) que apresentamos a seguir, encontrada na unidade “O artigo de opinião” do livro “*Língua Portuguesa - Linguagem e Interação*”, volume 1, para o ensino médio, dos autores Faraco, Moura e Maruxo Júnior:

Figura 4: Tirinha de Mafalda.

Antítese, paradoxo e antífrase

A antítese, a antífrase e o paradoxo são figuras de linguagem que têm por princípio a **oposição de sentidos**.

A **antítese** ocorre quando se colocam em paralelo dois ou mais termos de sentidos opostos. Em geral é empregada para dar destaque a uma diferença. É o que ocorre no exemplo da questão 8, quando o autor coloca várias ideias opostas juntas (“bom e ruim”, “bem e mal”) estabelecendo relações entre elas.

Se essas ideias opostas são empregadas de modo que uma sirva para definir ou explicar a outra, temos o **paradoxo** (também chamado oxímoro). É o que ocorre nestes famosos versos de um soneto de Camões:

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

Luis de Camões. *Lírica*. São Paulo: Cultrix, 1997.

A **antífrase** ocorre quando o enunciador dá a entender o contrário do que disse. O efeito de sentido mais comum da antífrase é a **ironia**. Observe um exemplo:



Quino. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 380.

Fonte: Livro didático “Língua Portuguesa: linguagem e interação”.

Essa Tira se encontra na unidade “O artigo de opinião” do livro *“Língua Portuguesa - Linguagem e Interação”*, volume 1, para o ensino médio, dos autores Faraco, Moura e Maruxo Júnior. Na tirinha, a personagem demonstra desagrado ao saber do número de pessoas mortas nas guerras. Guerra e paz, inclusive, são duas temáticas recorrentes nas tirinhas de Mafalda, mas no livro em que se encontra, a problemática não é discutida e o gênero, novamente, não é encarado como recurso principal e, sim, secundário.

A Tira foi colocada em um quadro informativo referente ao conteúdo de antítese, paradoxo e antífrase. Nele, há o conceito das três figuras de linguagem, apresentado de maneira geral, com explicações do tipo: “A antítese ocorre quando se colocam em

paralelo dois ou mais termos de sentidos opostos”, “Paradoxo é quando ideias opostas são empregadas de modo que uma sirva para definir ou explicar a outra” e “Antífrase ocorre quando o enunciador dá a entender o contrário do que disse”. Nessa situação, a tirinha serviu para que pudesse elucidar a noção de antífrase, marcada pelo efeito de sentido irônico presente no discurso de Mafalda. A única referência feita à sua interpretação foi quanto à expressão de desagrado da personagem que entra em contradição com as palavras proferidas (aparentemente elogiosas) e o que se quer fazer entender por elas, deixando de explorar conhecimentos discursivos/enunciativos importantes, para justificar, unicamente, razões linguísticas do campo da gramática normativa.

Dessa vez, a tirinha se encontra num livro do ensino regular e é voltado para alunos do nível médio da respectiva modalidade, logo, os alunos a que pretende alcançar são adolescentes em faixa etária correspondente ao ano que estudam, podendo haver raríssimas exceções.

Inserida em meio à complexidade do conteúdo de antítese, paradoxo e antífrase, a tirinha acaba sofrendo o efeito do anonimato e algo que poderia ser brilhantemente trabalhado, acaba sendo esquecido. O gênero em questão é extremamente atrativo e Mafalda faz com que essa atratividade seja ainda mais evidente. Um estudo das relações históricas e sociais a que a personagem se refere poderia fazer com que os alunos se vissem interessados a pesquisar.

Além de oferecer a oportunidade de ampliar o grau de informação pela leitura de outras fontes e discussão desses conhecimentos para possíveis produções, inclusive com filmes, a abordagem dessa tira, enquanto texto para leitura e trabalho de construção dos sentidos precisa ser sugerida: essa tira traz uma oportunidade de trabalhar a questão ideológica e irônica com que Mafalda se refere no último quadrinho. “O que a personagem quis dizer com a expressão “sucesso de bilheteria”?, “Quais as principais razões para as guerras que aconteceram e ainda acontecem no mundo?”, “Como o estudo e a educação podem intervir de maneira positiva no processo de conscientização e pacificação humanos?”, são interrogações pertinentes e contribuiriam significativamente no processo de interpretação e reflexão da tira, contemplando o lugar do homem no poder.

Essa ironia com que Mafalda constata o elevado número de mortes nas inúmeras guerras do início do século envolve o pensamento do signo bakhtiniano, à medida que

carrega uma mensagem atrelada às circunstâncias do contexto social e, sobretudo, ideológico, contendo, no discurso da personagem, segundas intenções, baseadas em emoções e pensamentos particulares dela, enquanto enunciadora.

É, exatamente, sobre essa possibilidade de oferecer ao leitor formas diferentes de superação, de criatividade e inferência que se compreende a aplicabilidade dos gêneros, no momento em que estimula o desenvolvimento de competências leitoras, fundamentais à formação escolar e pessoal do indivíduo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste artigo foi o de buscar compreender como o gênero discursivo tirinhas tem sido trabalhado em sala de aula, enquanto referência para o desenvolvimento da leitura na escola. Como objeto de análise, focalizamos três Tiras encontradas em Livros Didáticos nacionais, de modalidades escolares distintas, a fim de verificar como o ensino de Língua Portuguesa tem acontecido e como tem contribuído para o desenvolvimento da prática da leitura, considerando o processo de formação do aluno leitor na escola.

Por ser um gênero discursivo capaz de alcançar o gosto e a compreensão de boa parte do alunado (inclusive daqueles que não gostam de ler), pela quantidade de tirinhas espalhadas nos LDs e pela abordagem ilustrativa, discursiva e crítica de assuntos atuais é que se deve estudar a aplicabilidade e importância desse tipo de gênero discursivo no processo de emancipação do aluno leitor.

À medida em que investigamos os livros didáticos, buscando verificar a presença das tiras em quadrinho e suas respectivas abordagens, e, em seguida, desenvolvemos a análise do *corpus*, nos certificamos de que, geralmente, as Tiras não são valorizadas em sua totalidade (nem parcialmente), sofrendo com a forte valorização do aspecto gramatical se comparado às importantes contribuições que o gênero poderia exercer, sempre que visto com atenção, podendo contribuir no aperfeiçoamento de referências importantes ao ensino e aos alunos.

Assim sendo, as reflexões realizadas a partir desse estudo culminam em dois aprendizados extremamente importantes: é necessário reavaliar o que tem sido feito e fundamental entender que o livro didático é apenas um recurso e não pode, sozinho, direcionar todo o processo de aprendizagem dos alunos.

Nessa perspectiva, não há como respaldar o trabalho com tiras feito de maneira desassociada dos objetivos pretendidos pelos gêneros discursivos. Escrever, reconhecer, compreender, ler e ser leitor são atribuições do ensino de Língua Portuguesa e exercer esse ensino é saber, principalmente, criar condições para o desenvolvimento da prática da leitura na escola, de modo a favorecer ao aluno, a aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de competências que fundamentem a sua formação como leitor reflexivo, crítico e consciente de como lidar na sociedade com os inúmeros gêneros que circulam e com a circulação da palavra socialmente situada e formadora de opinião.

GENDER DISCURSIVE STRIPS OF MAFALDA IN TEXTBOOKS: ISSUE IN READING APPROACH

ABSTRACT

This work brings As Object Analysis of a Proposal for a comic strip reading selected in textbooks of Language Portuguese and highlights OS Ways to Use In this discursive gender as Text School Students readings enrolled fundamental IN mode EJA and the Middle Mode of Teaching regular. For IT, HAS How Question-Problem: In What Strips Mode comic Mafalda are characterized as reference to the Reading Practice, considering I Place against the Other Eo (s) SENSE (s) located and Socio-ideologically marked in Reading Building For Training the student reader in school? Oriented AROUND question, It is analyzed, first, the approach of the Textbook and, as a result, we suggest Other Ways of reading, based na Theory of Enunciation Bakhtin. Results of the analysis indicate the predominance of A Reading Approach nsa STILL LDs guided by the centralization of text study and / or grammar, What motivated a suggestion A reframing these modes of reading, Given to Student Training Reader.

Keywords: discursive gender. Read modes. Strips in comic book Didactic

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. Ed. São Paulo. SP: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- DUARTE, Newton. **A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-social de formação do indivíduo**, Campinas-SP, Autores Associados, 1993. (Coleção Educação Contemporânea).
- FARACO, Carlos Emílio. **Língua Portuguesa: linguagem e interação** / Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura, José Hamilton Maruxo Júnior. São Paulo: Ática, 2010.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- LAVADO, Joaquin Salvador [Quino]. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. **Por que somos tão disciplinares? ETD –Educação Temática Digital**, Campinas, Out. 2008, vol. 9, n. esp., p. 201-212.
- LOUZÁN, Walter. **Mafalda: 45 anos de Irreverência**. Nossa América: revista do Memorial da América Latina, São Paulo, 2009.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002, p. 19-57.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (MEC). **Guia do livro didático. Brasília, 2004**. Disponível em: <www.fnnde.gov.br/programas/pnld>.
- MIOTELLO, Valdemir. **Ideologia**. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2008.
- SANTANA, Ana Lúcia. *Mafalda*, 2014. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/mafalda/>>. Acesso em: 06 de Junho de 2016.
- OLIVEIRA NETTO, Alvim Antônio de. **Metodologia da Pesquisa Científica: Guia Prático para Apresentação de trabalhos Acadêmicos**. 2º ed. Florianópolis: Visual

Books, 2006.

PROENÇA, Maria das Graças Vieira. **EJA – Educação de Jovens e Adultos: Língua portuguesa, 5ª a 8ª séries** / Maria das Graças Vieira Proença, Maria Regina Figueiredo Horta. 1 ed. São Paulo: Ática, 2010.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes médicas, 1998.